
A MULHER E O PRAZER NA POESIA ERÓTICA DE MARIA TERESA HORTA

Andréia Nogueira Hernandes¹

Resumo: Dispõe-se, aqui, a observar de que maneira a voz feminina, na poesia erótica de Maria Teresa Horta, revela-se uma denúncia da ordem simbólica cultivada pelo patriarcado, na qual a própria linguagem figura como elemento desta coerção. Nos poemas “Joelho” e “Poema ao Desejo”, a voz feminina foi observada, bem como a busca das mulheres pelo prazer, ao lado do propósito da poetisa em atingir a fruição do texto, vinculada, sempre, à luta pelo direito das mulheres.

Palavras-chave: Poesia Erótica; Maria Teresa Horta; Voz Feminina.

Abstract: This study intends to observe how the female voice in the erotic poetry of Maria Teresa Horta reveals itself as a denunciation of the symbolic order established by the patriarchy, in which the female language is also an element of this repression. On the poems “Joelho” and “Poema ao Desejo”, the female voice was observed, as well as the women’s search for pleasure, and also the poet’s purpose on reaching the fruition of the text, bounded to the struggle for women’s rights.

Keywords: Erotic Poetry; Maria Teresa Horta; Female Voice.

I. Introdução

Maria Teresa Horta, nascida em 1937, em Lisboa, é uma escritora portuguesa, que, após seguir carreira jornalística, iniciou a publicação de poesias com a obra *Espelho Inicial* (1960), numa obra marcada pela escrita intensa e plena de sensualidade.

Em 1972, *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa – as “três Marias” – apontava, declaradamente, resistência aos valores patriarcais no que diz respeito ao feminino. O livro propôs um diálogo crítico com o romance epistolar de 1669, *Cartas Portuguesas*, supostamente escritas pela freira portuguesa Sórora Mariana Alcoforado (1640-1723), que consistia em cartas apaixonadas dirigidas a um amor distante.

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista/UNESP- Campus de Assis e professora do Curso de Letras da UNIP – Campus de Assis. Endereço eletrônico: deca_h@hotmail.com.

Após a publicação de *Novas Cartas Portuguesas*, Maria Teresa Horta e sua obra passaram a ser ícones da luta pelos direitos das mulheres, já que, na linguagem e na temática de sua poesia, se encontrava um ideal de vida baseado no igualitarismo entre homens e mulheres.

Os escritos da poetisa, entre cartas questionadoras, ficções, também se constituem de poesias eróticas, que tratam, com muita sensualidade, sobre o prazer da mulher, em uma escrita ousada, em busca de, por iminência, atingir a liberdade sexual feminina.

A rebeldia contra a repressão e a inferioridade femininas diante da ordem patriarcalista dominante parece saltar do texto de Maria Teresa Horta. Oriunda no contexto da década de 60, década marcada pela volição dos novos escritores em problematizar a história; o homem e seu lugar no mundo; a guerra pela liberdade. A poesia erótica de Maria Teresa Horta parece propor uma afronta por meio de texto no qual a mulher se coloca, na relação sexual, dona, senhora de si, buscando a independência, abrindo mão do sussurro, e optando pela voz, denunciando a assimetria da construção das relações de gênero.

Algumas das poesias de Maria Teresa Horta vão além de descreverem o ato sexual e dar voz ao prazer feminino, mas parecem propor uma relação sexual na qual a figura feminina é quem conduz o ato, sugerindo, e muitas vezes em tom imperativo, ordenando de que maneira ele deve acontecer, em favor de obedecer aos seus desejos sexuais e atingir o prazer.

Por meio destas constatações, foi possível observar que este movimento indicado por Maria Teresa Horta parece propor a transgressão, desejando que a liberdade sexual da mulher seja posta às claras, mas oferece também um olhar sobre o estudo das relações de gênero sob o prisma da linguagem como instrumento de opressão da mulher.

Diante destas constatações, dois poemas de Maria Teresa Horta foram selecionados para este estudo. Em face da vasta produção da poetisa, o critério de seleção consistiu na leitura de grande parte dos poemas, em favor de selecionar aqueles que trouxessem com mais veemência a figura da mulher como dominadora na relação sexual, como a figura que dita a maneira pela qual deve acontecer o ato, observando de que maneira

esta busca da mulher pelo seu próprio prazer configura-se atrelada à já mencionada busca feminina pela voz e pela conquista de seu espaço.

Os poemas selecionados foram “Joelho” (1999) e “Poema ao desejo” (1971) e serão, de maneira integral, aqui reproduzidos, além de discutidos, a fim de que o olhar sobre o papel e o comportamento femininos fique evidente.

II. “Joelho” e “Poema ao Desejo”

Maria Teresa Horta apresenta-nos poemas nos quais os eu-líricos femininos narram o ato sexual, propondo claramente seus desejos e volições. O que chama a atenção do leitor, além da linguagem nada pudica do poema, é a constatação de que a voz de comando de alguns textos é da mulher, no sentido de orientar o parceiro em como deve agradá-la no momento da relação sexual, ou ainda o fato de esta mesma voz, em outras poesias, tomar a iniciativa e descrever de que maneira procede para agradar o parceiro.

Distinção nascida da linguística, o gênero masculino é considerado o dominante e aquele que dá origem ao feminino, que nasce a partir dele e da diferença para com ele.

O homem, na relação sexual, biologicamente falando, é aquele que provê a semente para que ocorra a fecundação, que conduz e fecunda a parceira, incumbida da recepção, da aceitação da semente, e da maternidade. Fica implícito o fato de que cabe ao sexo masculino gerenciar o ato sexual e a maneira como ele vai ocorrer, já que à mulher compete receber.

O que se observa, porém, é que Maria Teresa Horta propõe um movimento de desligamento entre o sexo e sua função procriadora. O prazer é aquilo que se almeja, e a expressão da busca pelo gozo é explícita.

É possível notar de que maneira ocorre a transgressão daquilo que se espera do comportamento da mulher durante o ato sexual em “Joelho”, publicado na obra *Só de Amor*, de 1999.

Joelho

*Ponho um beijo
demorado
no topo do teu joelho*

*Desço-te a perna
arrastando
a saliva pelo meio*

*Onde a língua
segue o trilho
até onde vai o beijo*

*Não há nada
que disfarce
de ti aquilo que vejo*

*Em torno um mar
tão revoltado
no cume o cimo do tempo*

*E os lençóis desalinhados
como se fosse
de vento*

*Volto então ao teu
joelho
entreabrindo-te as pernas*

*Deixando a boca
faminta
seguir o desejo nelas*

O poema de Maria Teresa Horta descreve o ato sexual, no qual a voz é feminina, e descreve a cena do ângulo em que a vê, enquanto inicia o momento da relação com o parceiro, narrando toda a sensualidade do contato dos lábios com a pele, como é possível ver em momentos como: Ponho um beijo/demorado/no topo do teu joelho/Desço-te a perna/arrastando/a saliva pelo meio/Onde a língua/segue o trilho/até onde vai o beijo.

A iniciar do título – Joelho - o poema mostra-se desafiador da autoridade, numa busca incisiva pela inversão da relação de poder masculino e feminino. De acordo com o *Dicionário de Símbolos* de Jean Chevalier (1994), o joelho é símbolo da autoridade

masculina, é a representação do poder, e esta analogia parece ficar mais clara quando se observa expressões como “ficar de joelhos”, demonstração máxima da subserviência a quem fica de pé sobre eles. No poema, o joelho é ponto de partida para a rendição masculina e para o domínio feminino – ponho um beijo/ demorado/ no topo do teu joelho-, que conduz o momento, ao mesmo tempo em que vem a ser para onde a figura feminina retorna, no ato de continuidade e reafirmação deste comando em “volto então ao teu/joelho”.

Ao final do texto, mais uma vez, a boca é mencionada, e o adjetivo atrelado a ela remete à expressão de necessidade fisiológica. A fome, a dependência do corpo por alimento, aqui se assemelha à dependência animalesca e incontrolável pelo ato sexual. Novamente revela-se presente a expressão máxima do desejo e do prazer femininos, sempre tão permitidos ao sexo masculino, por uma questão cultural, e, não só pela moral, mas também pela religião, tão silenciados quando se trata das mulheres.

O gênero feminino, que nasceu da diferença para com o masculino, propõe que a mulher, aquela da qual se espera o silêncio e a submissão, domine e seja capaz e livre para estimular, e em especial, para falar daquilo que desejar.

“Poema ao desejo”, publicado na obra *Minha senhora de mim*, em 1971, apresenta o momento da relação conduzido pela figura feminina, com a diferença de que agora se observa nestas mulheres a iniciativa da condução do ato, de maneira a serem atendidas naquilo que desejam, para obterem, ao final, prazer.

Poema ao Desejo

*Empurra a tua espada
no meu ventre
enterra-a devagar até ao cimo*

*que eu sinta de ti a queimadura
e a tua mordedura nos meus rins*

*deixa depois que a tua boca
desça
e me contorne as pernas de doçura*

*Ó meu amor a tua língua
prende
aquilo que desprende de loucura*

O poema, construído e dedicado ao desejo, como mostra a escolha do título, já parece explicitar o anseio do texto em assumir o desejo feminino, ora tolhido pelo regime falocêntrico e silenciador.

No início, assemelhando-se a um manual de instruções que acompanha um produto, a voz feminina fornece as coordenadas para que o parceiro atinja suas expectativas quanto ao ato sexual, como se vê em “empurra a tua espada no meu ventre”. Os verbos, no imperativo, parecem corroborar a voz de comando feminina “empurra”; “enterra-a”; “desça”; “prende”.

Nota-se que aqui o ato sexual não é vinculado em momento algum ao sentimento, mas é conduzido de maneira a buscar o prazer, formando a imagem de uma nova mulher, liberta dos valores tradicionais e patriarcais, construída na linguagem de libertação para o gozo.

Aqui o momento sexual acontece intensamente, quando os órgãos sexuais se encontram, e o uso do sensorial mostra-se marcado, misturando dor e prazer, como em “queimadura”, “mordedura” e “doçura”.

Na terceira estrofe, comparado ao poema “Joelho”, as posições se invertem, e agora é o parceiro quem reproduz a mesma cena proposta pelo poema anterior, porém, sob a voz de comando feminina.

III. O prazer feminino e o prazer do texto

Este desejo que a voz do poema tem, de dominação na relação, é, na verdade, uma busca pela inversão dos papéis masculino/feminino, resultado de uma assimetria da construção das relações de gênero que vem desde muito cedo se mostrando.

Fruto da sociedade que separou, de maneira a distinguir feminino e masculino, os papéis econômicos e sociais, a voz feminina mostra-se como um grito de libertação tão sufocado diante da marginalização sofrida pelo inibidor sistema patriarcal.

Observa-se, portanto, em Maria Teresa Horta, essa voz que se desponta, desafiando aquilo que seria conveniente à escrita feminina. Nas palavras de Bella Josef, temos:

O discurso da mulher foi sempre um discurso submisso, que procurou seguir os códigos masculinos (que era a literatura predominante) para não correr o risco de que essa diferença lhe fosse inculcada. Isso fez com que, ultimamente, a literatura escrita por mulheres tenha se caracterizado por um desejo de transgressão a esses códigos: não só falar do proibido, do sexo, seu desejo, do erotismo, da libertação política, mas, também transgredir ao nível da linguagem. (1989, p. 48)

Maria Teresa Horta transgride na temática, ao passo que sua infração também se estende ao código linguístico. Como lembra Josef (1989), ao transcrever as palavras da escritora Luiza Valenzuela sobre o que não era permitido dizer, “menina bonita não diz essas palavras”. As palavras de cunho sexual possuem conotação de sujas e proibidas às mulheres, às quais a subjetividade ficou, por muito tempo, ignorada pela própria psicanálise.

Teresa de Lauretis (1994), ao conceituar gênero e sexo, discute a palavra gênero no sentido léxico e estuda o vocábulo em diferentes línguas, buscando analisá-lo em aspectos gramaticais. De acordo com a autora, “gênero representa não um indivíduo, e sim uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe”, acentuando a noção de que o gênero é construção resultante de convenções sociais e hábitos cultivados desde muito cedo.

De acordo com Nancy Castro (1991), o gênero é simbólico, ou se estende às convenções sociais, e não biológico, e constrói a identidade do sexo feminino a partir do símbolo fálico. Em suas palavras:

A mulher é levada a ocupar o lugar de significante para o macho, que pode liberar suas fantasias e obsessões, e, principalmente, que implica a mulher nessas fantasias e obsessões. (CASTRO, 1991, p. 223).

Neste sentido, o homem parece obter a permissão para o prazer e a fantasia relativas à erotização, ao passo que à mulher cabe ser o objeto, nunca ativa, ou tomando parte da mesma experiência masculina.

A luta pelo feminismo ainda se mostraria pouco além da preocupação com a construção de gênero, se não fosse pela enorme luta travada contra o conceito de poder que se acarretam das más construções das relações de gênero: o binarismo engessado de que o feminino representaria o mais fraco ou o negativo, perante ao poderio e à força masculina.

Em favor de silenciar um possível questionamento a respeito da caracterização negativa feminina, o patriarcalismo instaura a proposta da mitificação do sexo feminino, atribuindo a ele a magia da vida, da maternidade, de “saudar o advento da uma linguagem nova e feminina”, conceitos que parecem ser ameaçados frente a uma poesia erótica como a de Maria Teresa Horta, que dissipa o conceito cultural e patriarcal de feminilidade, o que seria uma essência do feminino, diante dos olhos do sistema falocêntrico.

À mulher, cabendo sempre o papel de “texto, objeto ou musa”, nas palavras de Suzana Funck (1994), parece não caber a função ativa, a qual quebra com o paradigma masculino, universal.

Suzanne Romaine (2000) discute a problemática da perda da identidade feminina a partir dos problemas de linguagem. Para a teórica, existe um “espaço semântico negativo”, que é o lugar ocupado pelas mulheres escritoras, e que a liberação feminina depende da liberação da língua, da linguagem.

Estes problemas de linguagem se estendem a muitos âmbitos da vida da mulher, como a sua identidade pessoal, ou a familiar, além de, gramaticalmente falando, existirem problemas de flexão feminino/masculino, porque as palavras no masculino conservam sua importância, ou mesmo seu significado original, enquanto a flexão no feminino pode em alguns casos desvalorizar a ideia original ou alterá-la.

De acordo com Romaine (2000), não é só a forma feminina da língua que é marcada pela partícula feminina “a”, em oposição à forma não-marcada masculina, mas no cotidiano também é assim: o feminino, por alguma razão, precisa ser separado e marcado por algo.

Até na literatura, de acordo com a autora, uma linha do tempo da literatura feminina seria complicada de ser traçada, pois o sistema patriarcal possui uma linha da história masculina. O que parece ser necessário, então, se dá no âmbito de uma reformulação da linguagem como ponto de início para uma mudança social.

Esse quadro proposto por Romaine parece vir ao encontro da percepção da poetisa Maria Teresa Horta, que desafia as fronteiras da linguagem no poema, sobretudo quando se pensa no que seria o ideal da linguagem feminina, diante de um paradigma de feminilidade criado pelo sistema vigente.

A poetisa propõe um texto na voz de uma mulher que abusa da linguagem desvelada em relação à sua sexualidade, num movimento de desafiar e testar aquilo que, na própria linguagem, revela-se um tabu.

A libertação do silêncio feminino durante o prazer do sexo parece andar junto com o desejo de libertação para o prazer da vida feminina. Além de tudo isso, o ruído parece vir acompanhado do desejo da libertação da e na linguagem, primeira encarceradora e instauradora de um abismo entre os gêneros.

O movimento feminista é definido, por Constância Lima Duarte (2003), como a movimentação feminina que buscou e atingiu as mudanças em relação ao engessamento do olhar social, manipulado por uma consciência patriarcal. Para ela, movimento feminista define-se desta maneira:

Como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo. (DUARTE, 2003, p. 152).

Ainda em “Feminismo e Literatura no Brasil”, a teórica aponta os primeiros passos da marcha em busca da emancipação feminina: o direito básico de aprender a ler e escrever. Com *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), limites são rompidos e novas propostas são lançadas, já que, de acordo com ela, as almas (femininas e masculinas) não possuem diferenças.

O direito ao prazer do uso da palavra, da linguagem, do texto, nos remonta, portanto, a um olhar sobre o que o texto foi capaz de proporcionar às mulheres, quando direito à escolaridade foi conquistado.

O texto tornou-se instrumento de registro feminino de reivindicações, projetos educacionais, e quando nos remontamos ao estudo da crítica feminista, observamos por quais fases a escrita feminina passou, até atingir a falsa liberdade – já que nunca estão livres do julgamento preconceituoso, marcado pela simbologia social da conduta feminista, ainda imposta pelo sistema de opressão às mulheres - de escrever sobre aquilo que deseja, que lhes dá prazer.

Buscando em Barthes (2002) a teoria do prazer do texto, temos que a fruição do texto define-se, em suas palavras, como

aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 2002, p. 22).

Por meio deste pensamento barthesiano, é possível dizer que é na busca pelo prazer feminino que Maria Teresa Horta busca e propõe o prazer do texto, na medida em que sugere o texto do incômodo, que abala e põe em cheque o sistema que carrega a problemática construção das relações de gênero.

Em entrevista à revista eletrônica *Storm*, Maria Teresa Horta sugere esta suposição. Parece possível que a voz feminina do texto, tão dada ao prazer, venha a ser uma extensão da busca do prazer da escritora, prazer este associado à vazão do espírito feminista que ela propõe nos poemas:

a escrita é um prazer intenso, avassalador. Não sei se será uma catarse, mas é seguramente sexual. Possui a mesma vertigem e o mesmo tipo de desejo que pulsa e empurra, excessiva, na direção da plenitude e da queda. Escrever acelera-me o pulso, faz-me voar o coração, consciente, embora, de todas as partes do meu corpo.

Observa-se que nesta busca de Maria Teresa Horta pelo gozo no, e do, texto encontra-se a transgressão de trazer a ele a figura feminina que transponha aquilo que dela se espera, rompendo com o estereótipo e burlando as normas impostas pela sociedade patriarcalista.

IV. Considerações Finais

A busca pelo prazer e pela fruição do texto na poesia erótica aponta o caráter da poesia de Maria Teresa Horta e encontra-se atrelada à relação da percepção da linguagem como objeto de opressão feminino.

Em favor de uma voz de comando dentro da relação sexual, descrita com minúcia e precisão, Maria Teresa Horta parece propor um grito pela voz de autonomia feminina, em todos os âmbitos sociais, tão marcados por toda uma cultura criada perante o eixo fálico, no qual o ponto de vista masculino acaba sendo determinante de cada ação feminina.

Em busca de uma mulher que exista, não a partir do homem, não na diferença para com ele, mas com ele, numa relação complementar, Maria Teresa Horta traz, portanto, poemas eróticos que buscam uma nova invenção no que diz respeito à palavra, propondo às mulheres que busquem a expressão, o desejo, a satisfação.

Em Bataille (2004) temos que “o erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente no ponto em que ele põe a vida interior em questão”, em outras palavras, sendo o erotismo a transgressão, resultante da busca pelo prazer vinculado à atividade sexual, dentro da percepção do proibitivo, alia-se ao que está retido na vida interior, na essência, nesse caso, feminina.

E nessa busca das vozes femininas dos poemas eróticos pelo prazer, pelo ápice e pela liberdade de serem, simplesmente, configura-se o prazer da própria poetisa em tecer um texto em que exista a liberdade da voz, não de uma mulher, mas de muitas mulheres, as quais Maria Teresa Horta representa e, há muitos anos, representou.

A poetisa propõe, em suas poesias eróticas, mulheres que adotam para si a opção de serem novos tipos de mulheres, criadas pela e na linguagem, buscando desviar-se do estereótipo do que exigiria a própria linguagem existente mediante o sistema patriarcal.

Indo muito além de buscar mulheres transgressoras, que usam e conhecem seu corpo, buscando a abertura para a sexualidade, Maria Teresa Horta tece o corpo do poema, e as vozes destas mulheres, em som uníssono parecem apontar para uma nova direção no que diz respeito à liberdade feminina na linguagem e na sociedade.

V. Bibliografia

BARRENO, Maria Isabel; HORTA, Maria Teresa; COSTA, Maria Velho. **Novas Cartas Portuguesas**. 1.ed. Lisboa: Studio Cor, 1972.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. São Paulo: Arx, 2004

CASTRO, Nancy Campi. “O feminino em questão” Uma leitura de Elizabeth Wright e de Toril Moi. *In*: VIANNA, Lúcia Helena (coord). IV Seminário Nacional Mulher e Literatura. Niterói: UFF/ABRALIC, 1991. p. 222-230.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. Trad. de Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Teorema, 1994.

DUARTE, Constância Lima. “Feminismo e literatura no Brasil”. *In*: Revista Estudos Avançados da USP. n. 49. vol. 17, set./dez. 2003. p. 151-172.

FUNCK, Suzana Bórneo. Da questão da mulher à questão do gênero. *In*: FUNCK, Suzana Bórneo (org). **Trocando idéias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: Pós graduação em Inglês/Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

HORTA, Maria Teresa. À conversa com Maria Teresa Horta, por Maria João Cantinho. *In*: <http://www.storm-magazine.com/novodb/arqmais.php?id=261&sec=&secn=>.

_____. **Só de amor**. Lisboa: Quetzal, 1999.

_____. **Minha senhora de mim**. Lisboa: Dom Quixote, 1971.

JOSEF, Bella. “A mulher e o processo criador”. *In*: **Feminino Singular**: A participação da mulher na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: GRD, 1989.

LAURETIS, Teresa. “A tecnologia do gênero”. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROMAINE, Suzanne. “Language and gender.” *In*: ROMAINE, Suzanne. **Language and society**: an introduction to sociolinguistics. 2 ed. Oxford: Oxford UP, 2000.

SHOWALTER, Elaine. “A crítica feminista no território selvagem”. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. *In*: BONICCI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana (org). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2.ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 181-203.